

O Navio Negreiro



poema de **Castro Alves**
adaptado pelo rapper **Slim Rimografia**
ilustrado com graffiti de **Grupo Opni**



© 2011 Slim Rimografia

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza

Assistente de arte
Alex Yamaki

Projeto gráfico e diagramação
A+ Comunicação

Fotos do *graffiti*
Paula Korosue

Colaboração
Andréa Antonacci

Assessoria pedagógica
Josca Ailine Baroukh

Revisão
Telma Baeza Gonçalves Dias

Pesquisa iconográfica
Maiti Salla/ Fatto Editorial

Imagens
iStock

Impressão
Cromosete

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R438n

Rimografia, Slim

O Navio Negroiro/ Castro Alves; [adaptação de] Slim Rimografia; [texto de] José Luís Solazzi; [ilustrações de] Grupo Opni. – São Paulo: Panda Books, 2011. 64 pp.

ISBN: 978-85-7888-030-9

1. Rap (Música). 2. Rap (Música) – Poesia. I. Alves, Castro, 1847-1871. II. Solazzi, José Luís. III. Grupo Opni. I. Título.

11-0644

CDD: 869.1

CDU: 821.134.3(81)-1

2011

Todos os direitos reservados à Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./ Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.



O Navio Negreiro por Slim Rimografia | 6

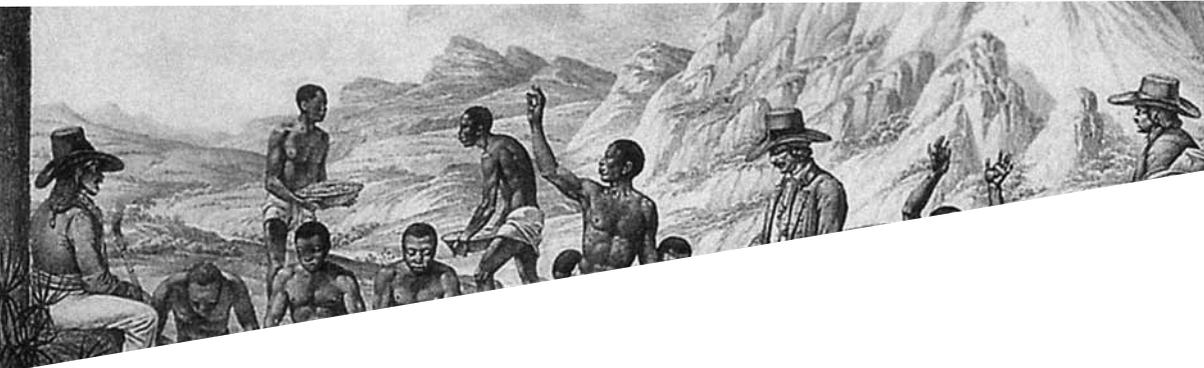


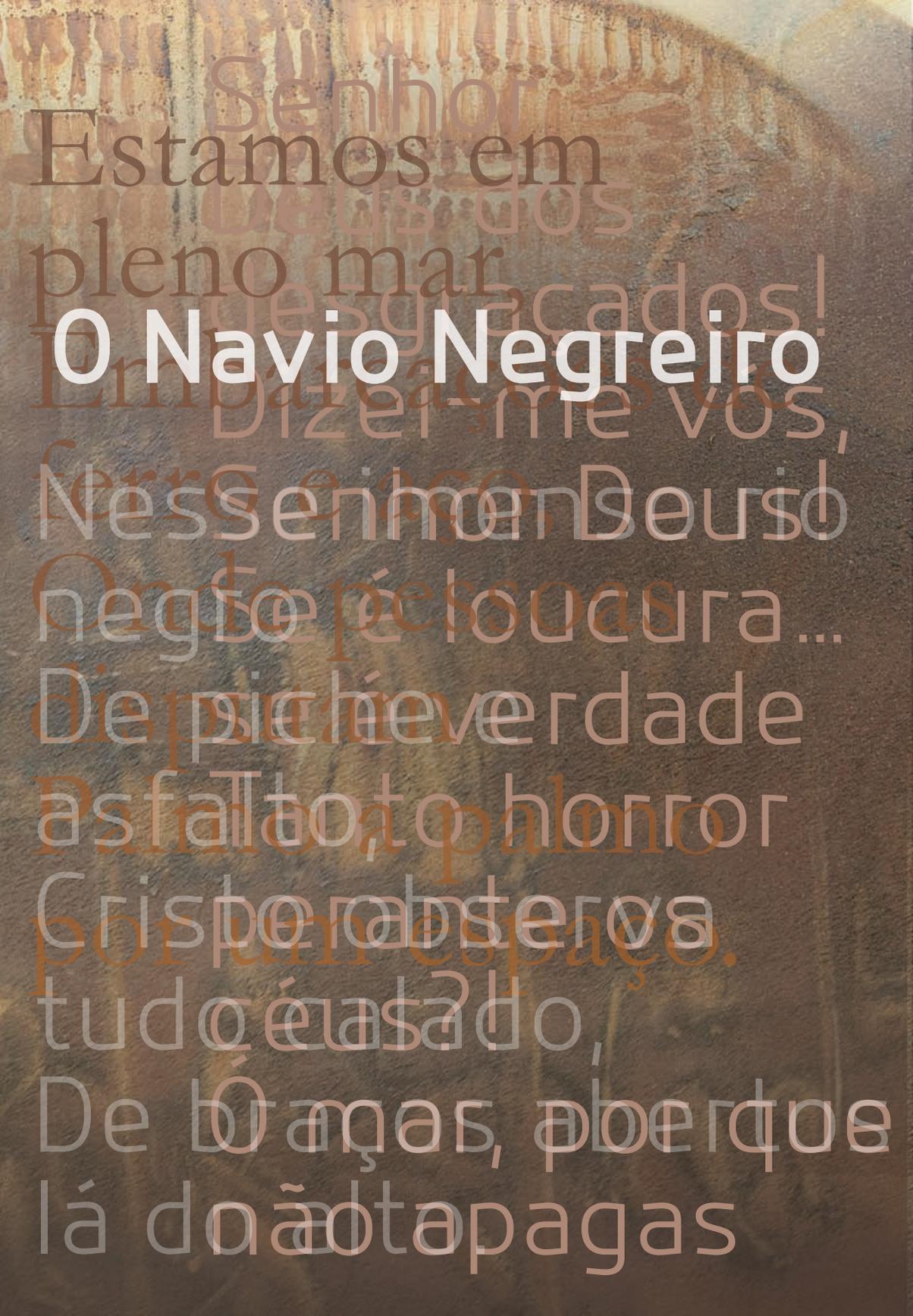
O Navio Negreiro por Castro Alves | 26

Liberdade: Um desafio permanente | 43

Bastidores | 59

Os autores | 64





Senhor
Estamos em
pleno mar
O Navio Negreiro
Nesse momento Deus
negro e pessoas...
Deus não
asfalto, o horror
Cristo inteiro
tudo é a vida,
De águas, a perda
lá do não pagas

Homens de pele

escura

Ódio e sponia de
Sem sobrenome

site às vagas

importante

impe teu quanto

Filhos de reis e

e esse o grito do.

ranhas
mostros! noites!

De uma terra tão

Diabolos com

Slim Rimografia
fome e miséria!

Quarrelas por

sonares, tufão!



Estamos em pleno mar,
Embarcações de ferro e aço,
Onde pessoas disputam
Palmo a palmo por um espaço.

Nesse imenso rio negro
De piche e asfalto,
Cristo observa tudo calado,
De braços abertos lá do alto.

Onde a lei do silêncio
Impede que ecoe o grito do morro,
Dos poetas em barracos sem forro,
Que clamam por socorro.



Homens de pele escura
Sem sobrenome importante,
Filhos de reis e rainhas
De uma terra tão distante.

O mar separa o Brasil da África,
Um rio separa as periferias
Das mansões de magnatas.

Uniformes diferenciam
Funcionários e patrões.
A cor denuncia
As vítimas de antigas explorações.

Trazidos nos porões
Dos navios negreiros,
Tratados como animais,
Vendidos a fazendeiros.

Vivendo em cativeiros,
Negociados como mercadoria,
Enriquecendo a classe nobre,
Hoje chamada burguesia.

Deixaram pra trás lembranças,
Dialetos e crenças.
Caçados, mortos ou açoitados
Quem tentou a resistência.

Marcados como gado,
Sem direito à educação,
Emudeceram seus tambores,
Amaldiçoaram sua cultura e religião.

Alguns morreram de fome,
De sede, de frio.
O corpo magro cheio de marcas,
O estômago vazio.

